

**Mia Couto**  
Um Rio Chamado Tempo,  
Uma Casa Chamada Terra

Romance



## Índice

<i>Capítulo Um</i>	
Na véspera do tempo	11
<i>Capítulo Dois</i>	
O desperto nome dos vivos	21
<i>Capítulo Três</i>	
Um lençol de amores	37
<i>Capítulo Quatro</i>	
As primeiras cartas	49
<i>Capítulo Cinco</i>	
A morte anunciada do pai imortal	63
<i>Capítulo Seis</i>	
Deus e os deuses	77
<i>Capítulo Sete</i>	
Um burro enigmático	87
<i>Capítulo oito</i>	
Perfumes de um amor ausente	103
<i>Capítulo Nove</i>	
O beijo do morto adormecido	117

*Capítulo Dez*  
Sombras de um mundo sem luz 129

*Capítulo Onze*  
Acutilantes dúvidas,  
redondulantes mulheres 139

*Capítulo Doze*  
Visita ao fazedor de covas 151

*Capítulo Treze*  
Uns pós muito brancos 161

*Capítulo Catorze*  
À terra fechada 171

*Capítulo Quinze*  
O sonho 181

*Capítulo Dezasseis*  
Ideias de bicho 189

*Capítulo Dezassete*  
Na prisão 195

*Capítulo Dezoito*  
O lume da água 205

*Capítulo Dezanove*  
A farda devolvida 215

*Capítulo Vinte*  
A revelação 223

*Capítulo Vinte e Um*  
A chave de chuva 237

*Capítulo Vinte e Dois*  
A última carta 249

Glossário 255

Capítulo Um

NA VÉSPERA DO TEMPO

*Encheram a terra de fronteiras,  
carregaram o céu de bandeiras.  
Mas só há duas nações – a dos vivos e a dos mortos.*

(JUCA SABÃO)



A morte é como o umbigo: o quanto nela existe é a sua cicatriz, a lembrança de uma anterior existência. A bordo do barco que me leva à Ilha de Luar-do-Chão não é senão a morte que me vai ditando suas ordens. Por motivo de falecimento, abandono a cidade e faço a viagem: vou ao enterro de meu Avô Dito Mariano.

Cruzo o rio, é já quase noite. Vejo esse poente como o desbotar do último sol. A voz antiga do Avô parece dizer-me: depois deste poente não haverá mais dia. E o gesto gasto de Mariano aponta o horizonte: ali onde se afunda o astro é o mpela djambo, o umbigo celeste. A cicatriz tão longe de uma ferida tão dentro: a ausente permanência de quem morreu. No Avô Mariano confirmo: morto amado nunca mais para de morrer.

Meu Tio Abstinêncio está encostado na amurada, fato completo, escuro envergando escuridão. A gravata cinza semelha uma corda ao despendurão num poço que é o seu peito escavado. Rasando o convés do barco, as andorinhas parecem entregar-lhe secretos recados.

Abstinêncio é o mais velho dos tios. Daí a incumbência: ele é que tem que anunciar a morte de seu pai, Dito Mariano. Foi isso que fez ao invadir o meu quarto de estudante na residência universitária. Sua aparição me alertou: há anos que nada fazia Tio Abstinêncio sair de

casa. Que fazia ali, após anos de reclusão? Suas palavras foram mais magras que ele, a estrita e não necessária notícia: o Avô estava morrendo. Eu que viesse, era o pedido exarado pelo velho Mariano. Abstinêncio me instruiu: rápido, fizesse a mala e embarcássemos no próximo barco para a nossa Ilha.

– *E meu pai?* – perguntei enquanto escolhia roupas.

– *Está na Ilha, esperando por nós.*

Depois, o Tio nada mais falou, afivelado em si. Nem se esboçou para me ajudar a empacotar os miúdos haveres.

Fomos, pela cidade, ele um pouco à frente, com seu andar empinado mas tropeçado de salamaleques. Sempre foi assim: ao mínimo pretexto, Abstinêncio se dobrava, fazendo vénia no torto e no direito. Não é respeito, não, explicava ele. É que em todo o lado, mesmo no invisível, há uma porta. Longe ou perto, não somos donos mas simples convidados. A vida, por respeito, requer constante licença.

Os outros familiares eram muito diferentes. Meu pai, por exemplo, tinha a alma à flor da pele. Já fora guerrilheiro, revolucionário, oposto à injustiça colonial. Mesmo internado na Ilha, nos meandros do rio Madzimi, meu velho Fulano Malta transpirava o coração em cada gesto. Já meu Tio Últímo, o mais novo dos três, muito se dava a exhibir, alteado e sonoro, pelas ruas da capital. Não frequentara mais a sua ilha natal, ocupado entre os poderes e seus corredores. Nenhum dos irmãos se dava, cada um em individual conformidade.

O Tio Abstinêncio, este que cruza o rio comigo, sempre assim se apresentou: magro e engomado, ocupado a trançar lembranças. Um certo dia, se exilou dentro de casa. Acreditaram ser arremesso de humores, coisa passatemporária. Mas era definitivo. Com o

tempo acabaram estranhando a ausência. Visitaram-no. Sacudiram-no, ele nada.

– *Não quero sair nunca mais.*

– *Tem medo de quê?*

– *O mundo já não tem mais beleza.*

Como aqueles amantes que, depois de zanga, nunca mais se querem ver. Assim era o amuo do nosso tio. Que ele tinha tido caso com o mundo. E agora doía-lhe de mais a decadência desse rosto de quem amara. Os outros riram. O parente sofria de tardias poesias?

– *Você, Abstinência, é uma pessoa muito impessoal. Tem medo da vida ou do viver?*

– *Me deixem, irmãos: esta é a minha natureza.*

– *Ou, se calhar, o Mano Abstinência não recebeu foi suficiente natureza.*

E deixaram-no, só e único. Afinal, era escolha dele. Abstinência Mariano despendera a vida inteira na sombra da repartição. A penumbra adentrou-se nele como um bolor e acabou ficando saudoso de um tempo nunca havido, viúvo mesmo sem ter nunca casado. Houve noiva, dizia-se. Mas ela falecera em véspera. Nessa antevivez, Abstinência passou a envergar uma tarjeta de pano preto, guarnição de luto sobre a lapela. Todavia, do que se conta, sucedia o seguinte: a pequena tarja crescia durante as noites. Manhã seguinte, o paninho estava acrescido de tamanho, a pontos de toalha. E, no subsequente, um lençol já pendia do sombrio casaco. Parecia que a tristeza adubava os pesarosos panos. Na família houve quem logo encontrasse a adequada conveniência: que ali estava uma manufatura têxtil, motivo não de perda chorosa, mas de ganhos chorudos. Diz-se, sem mais que o dizer.

Não sou apenas eu e o Tio Abstinência que atravessamos o rio para ir a Luar-do-Chão: toda a família se estava dirigindo para os funerais. A Ilha era a nossa origem, o

lugar primeiro do nosso clã, os Malilanes. Ou, no apor-  
tuguesamento: os Marianos.

Nenhum país é tão pequeno como o nosso. Nele só existem dois lugares: a cidade e a Ilha. A separá-los, apenas um rio. Aquelas águas, porém, afastam mais que a sua própria distância. Entre um e outro lado reside um infinito. São duas nações, mais longínquas que planetas. Somos um povo, sim, mas de duas gentes, duas almas.

– *Tio?*

– *Sim?*

– *O Avô está morrendo ou já morreu?*

– *É a mesma coisa.*

A vontade é de chorar. Mas não tenho idade nem ombro onde escoar tristezas. Entro na cabina do barco e sozinho-me num canto. Não importa o rebuliço nem os ruídos coloridos das vendedeiras de peixe. Minha alma balouça, mais murcha que a gravata do Tio. Houvesse agora uma tempestade e o rio se reviravisse, em ondas tão altas que o barco não pudesse nunca atracar, e eu seria dispensado das cerimónias. Nem a morte de meu Avô aconteceria tanto. Quem sabe mesmo o Avô não chegasse nunca a ser enterado? Ficaria sobrado em poeira, nuveado, sem aparência. Sobraria a terra escavada com um vazio sempre vago, na inútil espera do adiado cadáver. Mas não, a morte, essa viagem sem viajante, ali estava a dar-nos destino. E eu, seguindo o rio, eu mais minha intransitiva lágrima.

O calor me faz retirar da cabina. Vou para o convés onde se misturam gentes, cores e cheiros. Sento-me na ré, numa escada já sem uso. O rio está sujo, peneirado

pelos sedimentos. É o tempo das chuvas, das águas vermelhas. Como um sangue, um ciclo mênstruo vai manchando o estuário.

– *Está livre, esse chãozito?*

Uma velha gorda pede licença para se sentar. Leva um tempo a ajeitar-se no chão. Fica em silêncio, alisando as pernas. As roupas são velhas, de antigo e encardido uso. Contrasta nela um lenço novo, com as colorações todas do mundo. Até a idade do rosto lhe parece minguar, tão de cores é o lenço.

– *Está-me a olhar o lenço? Este lenço foi dada na cidade. Agora é meu.*

Ajeita uma vaidade na cabeça, saracoteando os ombros. Depois, fica estudando o Tio Abstinêncio.

– *Esse aí é seu parente?*

– *É meu tio.*

A velha me contempla, então, com cuidado. Seus olhos se estreitam chinesamente. Em seguida, volta a olhar Abstinêncio. Compara-nos, sem dúvida. Depois ela me estende o braço, abrindo um sorriso.

– *Me chamo Miserinha. É nome que foi dado, mas não da nascença. Como esse lenço que recebi.*

De novo, a sua atenção poussa no Tio. Seu olhar parece mais um modo de escutar. Que seria que ela retirava de meu parente? Talvez sua definhada postura. Sabe-se: a dor pede pudor. Na nossa terra, o sofrimento é uma nudez – não se mostra aos públicos. Abstinêncio se comporta em sua melancolia. A velha coloca a mão sobre a testa, cortinando os olhos, atenta aos tintins dos gestos de Abstinêncio.

– *Esse homem vai carregado de sofrimento.*

– *Como sabe?*

– *Não vê que só o pé esquerdo é que pisa com vontade? Aquilo é peso do coração.*

Explica-me que sabe ler a vida de um homem pelo modo como ele pisa o chão. Tudo está escrito em seus passos, os caminhos por onde ele andou.

– *A terra tem suas páginas: os caminhos. Está me entendendo?*

– *Mais ou menos.*

– *Você lê o livro, eu leio o chão. Agora, mais junto, me diga: o fato dele é preto?*

– *Sim. Não vê?*

– *Eu não vejo cores. Não vejo nenhuma cor.*

Doença que lhe pegou com a idade. Começou por deixar de ver o azul. Espreitava o céu, olhava o rio. Tudo pálido. Depois foi o verde, o mato, os capins – tudo outonecido, desverdeado. Aos poucos lhe foram escapando as demais cores.

– *Já não vejo brancos nem pretos, tudo para mim são mulatos.*

Se conformara. Afinal, não é o cego quem mais espreita à janela? Lhe fazia falta, sim, o azul. Porque tinha sido a sua primeira cor. Na aldeiazinha onde crescera, o rio tinha sido o céu da sua infância. No fundo, porém, o azul nunca é uma cor exata. Apenas uma lembrança, em nós, da água que já fomos.

– *Agora, sabe o que faço? Venho perto do rio e escuto as ondas: e, de novo, nascem os azuis. Como, agora, estou escutar o azul.*

Miserinha se levanta. O balanço do barco lhe faz tontear o coração. E lá se afasta, passo atordoado. A gorda mete os pés pelos vãos. Entre a multidão vai perdendo destaque.

Já se vislumbra o contorno escuro da Ilha. O barco vai abrandando os motores. Me deixo, brisa no rosto,

a espreguiçar o olhar na ondeação. É quando vejo o lenço flutuar nas ondas. É, sem dúvida, o pano de Miserinha. Um alvoroço no peito: a velha escorregara, se afundara nas águas? Era urgente o alerta, parar o barco, salvar a senhora.

– *Tio, a mulher caiu no rio!*

Abstinência fica perturbado. Ele que nunca se alterava ergue os braços, alvoroçado. Espreita as ondas, mãos crispadas na borda da embarcação. Urge que seja dado o alarme. Vou empurrando para me chegar à sala de comando. Mas, logo, alguém me sossega:

– *Não caiu ninguém, foi o vento que levantou um lenço.*

Sinto, então, um puxão no ombro. É Miserinha. A própria, cabeça descoberta, cabelo branqueado às mostras. Se junta a mim, rosto no rosto, num segredo:

– *Não se aflija, o lenço não tombou. Eu é que lancei nas águas.*

– *Atirou o lenço fora? E porquê?*

– *Por sua causa, meu filho. Para lhe dar sortes.*

– *Por minha causa? Mas esse lenço era tão lindo! E, agora, assim desperdiçado no rio...*

– *E depois? Há lugar melhor para deitar belezas?*

O rio estava tristonho que ela nunca vira. Lhe atirara aquela alegria. Para que as águas recordassem e fluíssem divinas graças.

– *E você, meu filho, vai precisar muito de boa proteção.*

Uma gaiivota se confunde com o pano, as patas roçando o falso peixe. E logo se juntam outras, invejosas, em barulhação. Quando reparo, já Miserinha se retira, dissolta no meio das gentes.

A Ilha de Luar-do-Chão deve estar a um toque do olhar, tamanha é a agitação. O Tio Abstinência se aproxima, endireitando-se solene contra o vento.

– *Estava falando com essa velha?*

– *Sim, Tio. Falava.*

– *Pois não fale. Não deixe que ela chegue perto.*

– *Mas, Tio...*

– *Não há mas. Essa mulher que não se chegue. Nunca!*

As canoas e jangadas se aproximam para carregar os passageiros para a praia. Alguns homens sobem para o convés para ajudar no transbordo. Fico com Tio Abstinência a ver a gente descer. Ele se guarda sempre para último. Há de morrer depois de todos, dizia o Avô.

A noite está mais espessa, a lancha que nos vem buscar parece flutuar no escuro. Antes de entrarmos na embarcação Abstinência me faz parar, mão posta sobre o meu peito:

– *Agora que estamos a chegar, você prometa ter cuidado.*

– *Cuidado? Porquê, Tio?*

– *Não esqueça: você recebeu o nome do velho Mariano. Não esqueça.*

O Tio se minguou no esclarecimento. Já não era ele que falava. Uma voz infinita se esfumava em meus ouvidos: não apenas eu continuava a vida do falecido. Eu era a vida dele.